

# Seminário “ AS MÃOS TAMBÉM GRITAM !!! ”

Gostaria de começar por agradecer a oportunidade, que hoje me é dada, de partilhar o meu testemunho de mãe com pessoas que, de uma maneira ou de outra, convivem diariamente com Surdos e sentem os seus problemas e anseios. Espero, de algum modo, dar visibilidade e voz a esses anseios e contribuir para o “desassossego” de algumas consciências adormecidas ou, talvez, acomodadas e confortadas com a ideia de que tudo está a ser feito pelo bem-estar físico e psicológico dos nossos Surdos; talvez não fosse má ideia fazê-lo COM os nossos Surdos.

Graça Freitas



# O COMEÇO

A Ana Luísa nasceu a 11 de Novembro de 1994; aparentemente, perfeitamente normal, chorou quando era suposta chorar, foi vista pelo pediatra, as medidas estavam dentro dos parâmetros.

Foi sendo regularmente seguida, dormia muito bem; era, de facto, uma bebé extremamente calma, não se sobressaltava no meio de barulho, era alegre e risonha. Aí pelos seis, sete meses, soltava uns gritos de ave marinha, chamávamos-lhe a nossa gaivota. Eu ainda não tinha lido o livro “O grito da Gaivota”, mas quando o li percebi o que a escritora, surda profunda, queria dizer com o título.



Ao fim de um ano não dizia papá nem mamã, todos me diziam que nenhum bebê é igual ao outro, estava tudo bem fisicamente, era esperar. Tentei ensinar-lhe palavras simples, sem sucesso. Ela parecia reagir à nossa presença, virava-se para nós quando nos dirigíamos a ela; só depois percebi que pelas vibrações, pelas mudanças de luz, pela projecção de sombras, pelas deslocções de ar a criança mexe-se, e uma mãe confiante pensa que a criança ouve. E a Ana não ouvia! Pouco tempo depois tive a confirmação, depois de ter manifestado ao pediatra a minha dúvida.



Fui ao hospital, fazer exames (potenciais evocados) e o Dr. Miguel Furtado, ao ver o relatório disse-me que estivesse descansada, que ela devia ir ao Instituto de Surdos, onde me diriam que fazer. -Descansada?! E a linguagem? E a escola? perguntava eu, perdida, sem saber o que pensar.

No Instituto foram feitos mais testes e veio o diagnóstico: surdez neurosensorial bilateral severa. Sugeriram a colocação de aparelhos retro-auriculares; quando foram colocados a Ana fez um ar admirado e feliz ao mesmo tempo, habituou-se bem a eles e nunca os rejeitou.

As minhas filhas costumavam ficar em casa até irem para a pré primária, mas aconselharam-me a pôr a Ana na creche logo, para socializar mais facilmente. Assim foi.



# O CHOQUE

Tomar consciência do que estava a acontecer-me foi bastante doloroso.

A família perguntava, logo após a colocação dos aparelhos, se ela já falava.

As irmãs não sabiam como reagir; algumas pessoas diziam. – Coitadinha!

Eu e o meu marido estávamos atordoados, sem a menor noção do que este problema implicava. A esta distância consigo perceber que, por um certo espaço de tempo, neguei a surdez da minha filha; dizia às pessoas que ela tinha um problema de audição, que se ia resolver com os aparelhos.



Chorei, revoltei-me, perguntava-me:

-Porquê ela? Porquê nós?

Acho que, por algum tempo, andei como que a flutuar; fechava-me, não queria falar do assunto, evitava-o mesmo.



A Professora da Educação Especial Isabel Salvado, que o Instituto de Surdos tinha designado para apoiar a Ana, ajudou-me a pôr os pés na terra. Com uma atitude firme e sem rodeios chamou-nos, o meu marido e eu, e teve connosco uma conversa franca e desassombrada sobre o que nos esperava e sobre o que ela esperava de nós como pais. Fez-nos encarar o problema de frente, sugeriu medidas a tomar, ofereceu ajuda psicológica através da Psicóloga do Instituto, Dra. Susana Spínola. Enfim, deu-nos um forte abanão! Tivemos muita sorte por termos encontrado uma Profissional competente, exigente e extremamente dedicada.





Arranjámos forças e metemos mãos à obra. Tínhamos que chegar até ela, tínhamos que comunicar, da maneira mais eficaz que pudéssemos.

Afinal, nós tínhamos uma filha **ESPECIAL!**





# O PERCURSO

A Ana teve sempre apoio especializado, na medida das suas necessidades educativas especiais. Comprámos jogos adequados, construámos dicionários ilustrados e álbuns de histórias adaptadas à sua idade, as irmãs colaboravam tirando fotografias da Ana a fazer actividades do dia-a-dia, para motivá-la, as Educadoras do Auxílio Maternal faziam o possível para garantir a plena integração da Ana, incluindo-a em todas as actividades e seguindo as indicações da Professora Isabel Salvado. Durante os cinco anos que esteve na creche, a Ana foi evoluindo; registávamos o seu crescente vocabulário, a sua caminhada para a autonomia, valorizando o que ela já conseguia fazer, proporcionando-lhe auto-estima e confiança.



Pelo meio, em casa, assistíamos, por vezes, a birras tremendas: de manhã não queria vestir a roupa escolhida, atirava-se ao chão e esperneava, chorava e berrava. Confesso que, em alguns momentos, não sabia o que fazer, a saída mais fácil era dar-lhe umas palmadas no traseiro, porque a comunicação ainda era bastante deficiente entre ela e nós, e a Ana é muito voluntariosa e determinada. Era a sua maneira de comunicar, de se fazer notar, de interferir nas decisões. Aprendi a ignorá-la nessas ocasiões, ia-me embora; ela cansava-se e cedia. Em geral, eu cedia num aspecto qualquer e ela concordava com outro e, assim, íamos negociando.

Os laços foram-se criando; a Ana sempre foi muito sociável, abordava as pessoas, metia-se com elas, que normalmente lhe achavam piada. Gradualmente, as birras desapareceram, dando lugar a trocas de argumentos mais ou menos compreensíveis. Hoje, aos dez anos, tem opinião mas tenta ver o ponto de vista dos outros.

Acabado o ano de preparação para a escola, pensei pô-la no Colégio de Santa Teresinha, onde as duas irmãs eram alunas. Fui com a Dra. Isabel Salvado, pois ela também procurava escola para o filho, falar com a Irmã Directora; expusemos-lhe a situação e quisemos saber das possibilidades de apoio, no sentido de disponibilizarem espaço e de a porem numa turma com menos alunos. A receptividade da Irmã Directora foi muito decepcionante: pôs sistematicamente entraves, pelo espaço que não havia, pelas dificuldades dos professores em dar atenção individualizada; como insistimos, acabou por concordar, porque "...temos que aceitar." Escusado será dizer que mudei de ideias!

A Ana entrou na Escola Básica da Pena sem problemas, sempre acarinhada pelas professoras e aceite pelos colegas. Tornou-se logo conhecida pelas circunstâncias e pela sua personalidade. Teve, nos dois primeiros anos de escolaridade, Professoras do Ensino Especial enviadas pelo Instituto de Surdos, que lhe prestavam apoio ora na escola onde estava integrada, ora no Instituto. Dentro das suas limitações, a Ana atingiu os objectivos mínimos para passar de ano. Era seguida pelo serviço de Audiometria do Instituto de Surdos, para apurar o ganho com os aparelhos e fazia, duas vezes por semana, Terapia da Fala, às nossas expensas, o que continua a fazer.

Nos dois últimos anos a situação alterou-se, e não para melhor. Por concurso, foi enviada para a Escola da Pena uma professora especializada no ensino de Invisuais, que recusou dar apoio por não ser a sua área específica. Entre apresentar pedido à Secretaria da Educação e ser mandada outra profissional, desta vez do Instituto de Surdos, passaram perto de dois meses, pois a Ana começou a ter apoio na última semana de Novembro. As horas de apoio diminuíram consideravelmente.



No início do quarto ano a angústia voltou: Quem iria apoiar a Ana? Novamente uma profissional da área de deficiência visual é colocada na Escola, desenrola-se o mesmo processo, desta vez em fins de Outubro é enviada pela Direcção Regional da Educação Especial uma professora especializada no Ensino de Surdos. Parece-me claro que este não é o melhor sistema a adoptar: porquê perder tempo? Porque não destacar desde o início profissionais especializados no tipo de deficiência de determinada escola? A quem serve este processo? Certamente não aos professores, muito menos aos pais, definitivamente não aos alunos.



Encerra-se este ano um ciclo na vida da Ana. Nesta escola fez grandes amigas, das quais destaco uma, de grande dedicação, que a ajuda nas aulas quando a comunicação falha. Porque a comunicação continua a falhar. A Ana está integrada numa escola de ouvintes, os pais e a família são ouvintes e querem muito que ela fale. Mas isto não impede a ocasional solidão da Ana, a quem eu encontrava, por vezes, sozinha no recreio, à minha espera, falando com algum brinquedo ou consigo mesma. Não há, na sua vida, um Surdo adulto que possa identificar-se com ela. Quando nasceu a minha última sobrinha a Ana perguntou se ela ia usar aparelhos.

Ela tem, seguramente, noção da sua particularidade; devido ao seu feitio e ao facto de não ser discriminada, de ter um ambiente familiar acolhedor e ter tido professoras e professores que não a punham de lado, convive “bem” com essa diferença. Mas não sei o que se passa dentro daquela cabecinha. Como é que ela assimila conceitos abstractos? Como é que pensa? Como se sente realmente? A que mundo pertence, ao dos ouvintes, que ela domina mal, ou ao dos Surdos, com o qual tem pouca ou nenhuma relação? Quero dar-lhe TODOS os meios ao meu alcance e a que tem direito. Por lei. Quero que ela aprenda a Língua Gestual Portuguesa, quero que sinta que pertence a um grupo, com quem partilhe modos de comunicar e ver/entender o mundo. Quero que se sinta completa. Se queremos que ela seja mais tarde uma cidadã cumpridora dos seus deveres, temos que lhe reconhecer direitos, hoje.

# E AGORA?

Uma nova escola, um novo ciclo se inicia. O que é que pode a minha filha ESPECIAL esperar? Ser tratada como uma criança qualquer? Ser vista como um número nas estatísticas? Estar dependente de boas vontades? Andar ao sabor de políticas educativas que, por vezes, não saem do papel? O direito dos Surdos à **educação**, ao **apoio especializado** e à **igualdade de oportunidades** é um facto, prova-o o Despacho nº 7520/98. Vamos, pois, fazer o que nos compete, pais, educadores, familiares, governantes: exigir nem mais nem menos do que aquilo a que os Surdos têm direito. E trabalhar **COM** eles, não só **PARA** eles.

Aos pais recém chegados a este mundo queria deixar palavras de incentivo: nunca desistam dos vossos filhos. Ao princípio vão ter seguramente momentos de desânimo e grande frustração, como eu e outros pais e mães tiveram. Resistam! Os resultados tardam, mas aparecem! E, saber que fizemos tudo o que pudemos e devíamos e que lhes demos o melhor de nós, é a maior recompensa que se pode desejar.

Termino com duas citações que estão hoje, no século XXI, perfeitamente actuais:

“ A cegueira separa as pessoas das coisas, a surdez separa as pessoas das pessoas.”

(Helen Keller)

“ O que é que interessa a surdez do ouvido se a mente ouve? Aquela que é a surdez, a surdez incurável, é a surdez da mente.”

(Vítor Hugo)

